



Histórias de vida e o Vera

O ser humano se transforma
a partir da criança



Silvana Maria D'Avino

Professora polivalente, 5º ano





A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar, nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan** (Casa Vera Cruz)

Retrato da capa: **Claudia Cavalcanti**

Pesquisa de imagens/Arquivo Vera Cruz:

Priscila Pires (Comunicação)

Apoio: **Araceli de Carvalho** (Casa Vera Cruz) e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritores: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo:

André Nascimento e Carlos Eduardo dos Reis

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Escola Vera Cruz, em outubro de 2021.

Silvana começou a trabalhar no Vera em 1994.
Ela se despede da Escola no final de 2021.

O ser humano se transforma a partir da criança

O começo

Entrei no Vera em 1994. Fiz Psicopedagogia e Artes Plásticas. Quando me formei, eu trabalhei numa escola pequena perto de casa, e lá eu conheci a Marta [Ferraz], que foi professora de Biblioteca. Eu tinha feito Artes e então ela falou assim: “Vamos fazer um curso de papel machê, com uma francesa?”. Fizemos de uma hora para outra. “Vamos abrir um ateliê?” Abrimos um ateliê na Vila Madalena, quando a Vila Madalena era nada. E lá ficamos por um tempo, trabalhando. Marta veio pro Vera e me chamou. Só que quando a gente fechou o ateliê, a dona da primeira escola me convidou pra trabalhar com ela na área de artes. Fui, trabalhei, e fiz um teste aqui no Vera. Ana Calero era coordenadora, na época. “Você vem trabalhar com a gente?” Eu pensei: “Ai, será?”. Eu tô na arte, tinha acabado de sair da escola. Daí a Ana insistiu: “Venha pra cá!”. Entrei em agosto de 94 e cá fiquei, até hoje. Entrei como auxiliar. Fiquei um tempo como auxiliar, como todo mundo que entrava e entra até hoje aqui, e assim foi. Passei pelo 3º, pelo 4º e pelo 5º ano. Fiquei mais no

4º e no 5º, onde estou hoje. Mas era uma época superdiferente no Vera Cruz.

Era diferente em tudo. Primeiro, tínhamos reuniões com assessores, todos os professores, de manhã. Por um tempo a gente batalhou pra ser à noite. Mudamos a data e o horário da reunião, enfim. A gente chegava no Vera e tinha, por exemplo, TP [Trabalho Pessoal], LC [Lição de Casa]. Não conhecia aquela nomenclatura, mas ao mesmo tempo falei: "Acho que eu vou, aos poucos, pegando". Elisa [Vieira] era a orientadora, e a gente tinha umas reuniões nas quais as professoras atuavam como se fossem os alunos, para fazer algumas experiências. Na primeira semana lá fui eu, muito metida na época, né? Lá fui eu fazer a experiência. Elisa falava: "Nossa Senhora! Mas como você consegue fazer isso? Como? Você acabou de entrar aqui!". Aí você começa a se sentir mais segura, né? Porque eu era uma estranha no ninho. Todo mundo sabia, eram pessoas que estavam aqui há muito tempo. Então, aos poucos, a gente vai indo. Mas era diferente, tinha atividades que hoje em dia ainda tem, mas fichas, era tudo meio combinado; enfim, e as coisas foram mudando, foram mudando, foram se adaptando.

O material já era produzido aqui, sempre pela Escola, mas mesmo assim, era diferente. Todo mundo ali tinha um planejamento

que era feito, e a partir daí todo mundo dava sua aula. Esse tipo de coisa foi mudando. Quando a centralidade do aluno é o foco, existem os projetos, aí vai mudando.

A formação do professor também mudou muito. Hoje em dia, essa formação é muito mais valorizada pelos professores. Algo que vem da equipe. E o trabalho em equipe no Vera é algo que é tão imprescindível, muito importante pra todo mundo. Outro dia mesmo estava falando com minha auxiliar, e ela dizendo: "Mas isso acontecia aqui?". E eu respondia: "Mas era uma forma tão diferente, mas tão diferente". Hoje em dia essa coisa em equipe continua muito forte. Essa formação é muito importante pra todo mundo, e todo mundo sente, todo mundo.

Tudo o que vivi foi no Verão, que era diferente. Tinha o que a gente chamava de aquário, onde é a Secretaria hoje em dia, era um prédio só. Foi construindo, mas foi construindo tudo aí, nesse prédio. Mas muito diferente. Tinha cantina que fazia hambúrguer, gente do céu! E parece uma coisa tão longínqua, longe, longe. É um processo mesmo. O Vera não perde a essência dele, mas, ao mesmo tempo, ele vai se firmando de uma forma. Ele vai parecendo de um jeito tão diferente e, ao mesmo tempo, com uma essência que não muda, não muda... Nós não temos prova. Na nossa faixa etária, não tem prova. Se bem que acho

que poderia começar a ter algumas avaliações pra chegar no nível 3 [do 6º ao 9º ano] já mais preparado, mas nós não temos. A gente avalia de um jeito tão, tão particular, como você olha pra essa criança, como você olha pra cada um de um grupo. Cada um é um, e cada um é de um jeito. Isso é muito especial. Isso é o Vera Cruz. Isso são as pessoas que trabalham no Vera. Acho que precisa ter isso na essência.

Na realidade, quando entrei era pra Artes, mas não tinha vaga. A Elisa, a princípio, falou: "Você lida tão bem com o grupo. Essa dinâmica de grupo você trabalha bem." E eu trabalho, eu gosto de fazer. "Fica, então." Aí a arte foi ficando pra trás, entre aspas, porque você sempre a aplica em alguma coisa. Depois de uns três anos, acho que mais até, a Celina [Gusmão, professora de Artes] estava indo pro colegial, aí surgiu uma vaga. A Elisa falou: "Tem uma vaga, você quer?" "Como assim, Elisa? Eu tô em reunião com todas as professoras, não dá, não dá!" Também acho que eu não queria tanto, senão batalharia. Mas nunca pensei, apesar da vontade. Eu gosto. Essa coisa da dinâmica da classe me fascina. De trabalhar com um grupo. Eu acredito muito na transformação do ser humano, a partir da criança. Acredito que tem mudança, que elas se transformam, que você investe, que, enfim, é possível, cada um do seu jeito, cada um no seu limite, mas eu acredito muito nisso, então por isso me

fascina essa coisa do grupo! Por um tempo, trabalhei atendendo muitas crianças em casa, tipo aula particular, acompanhamento. É gostoso, é gostoso, você comanda de outro jeito, mas igual a um grupo, não tem.

Em relação às crianças, sinto que a cada ano elas vêm diferentes. Vêm mais preparadas, no sentido de a gente ver o que aconteceu desde o Verinha e aproveitar isso.

Uma experiência sempre especial

As primeiras crianças especiais que entraram no Vera eram dois irmãos gêmeos com Síndrome de Williams.

Um foi meu aluno, e na época a gente desprovia de qualquer experiência. Nós não tínhamos bibliografia alguma. Não tínhamos nada, e fomos com a cara e a coragem e eram duas crianças muito especiais. São até hoje; tenho contato com um, eram crianças especiais em todos os sentidos. Eu acho que a partir dali eu, pelo menos, acho que já trabalhei com umas seis ou sete crianças assim, especiais. Eu fiz uma pós sobre crianças especiais. Na época era uma pós para necessidades especiais, hoje em dia não tem mais esse nome.

Mas, a gente vai adquirindo uma experiência tão diferente, porque não existem iguais, cada um é um. Não adianta você falar: “Tenho um aluno com Síndrome de Down este ano”, se no ano seguinte você pegar outro, não será a mesma coisa, não tem como. Por exemplo, esses gêmeos marcou muito a vida do Vera Cruz. A Escola era mobilizada em função dessas crianças, até hoje. Este ano eu também tenho uma criança com paralisia cerebral, mas de outra ordem. Uma criança que não fala, que não anda, aí é de outra ordem, porque daí tem as atendedoras terapêuticas que trabalham junto. O Vera, realmente, é especial nesse sentido, ao acolher essas crianças. Acho que com o tempo ficamos mais espertas, entre aspas, nunca vamos ser especialistas, porque não adianta, cada um é um, cada síndrome é uma síndrome.

Ano passado eu também tive outra menina com paralisia cerebral. É assim: os colegas seguram, acolhem, mas chega um momento, no 5º ano, principalmente, que começa aquela coisa, os hormônios à flor da pele, aí começa a mudar essa configuração, inclusive nesse cuidado com as crianças especiais. Mas são todos especiais.

Plantar e colher

Quando eu entrei, era auxiliar, eu fiquei meses no 3º ano. Aí me chamaram pra ir pro 4º, ainda como auxiliar. Fiquei uns seis anos como professora do 4º. Aí nós íamos receber uma criança especial e me chamaram pra ir pro 5º, pra assumir essa classe, e lá fiquei. Quando eu voltei pro 4º, que era também por causa de outra criança especial, aí me falaram: "Ah, mas fica, volta pelo menos mais dois anos". Fui pro 4º. Mas gosto do 5º. Eles são mais independentes, você brinca com eles. No 4º ano você faz uma graça e eles já ficam olhando: "O que é que ela tá falando comigo?". No 5º, não. Essa faixa etária é fabulosa.

Vai passando o tempo, e a gente falou um pouquinho dessa mudança de clientela e das crianças mesmo, né? No valor que eles dão pro professor. O 5º ano é diferente do 3º. No 3º ano a imagem do professor é da santa, a deusa, o todo-poderoso, e aí você vai vendo essa mudança, aos poucos, e de repente você tá na rua e encontra uma ex-aluna sua e ela fala de detalhes. Detalhes! Outro dia uma mãe me procurou, que teve um filho depois de anos, ela me procurou porque queria que eu acompanhasse o filho. Ela falou: "Nossa, você lembra que..." — e citou o nome da filha dela — "ela começou a gostar de matemática

por sua causa". Você vai esquecendo. Daí você fala: "Nossa, meu Deus! Quantas pessoas você formou! Quantas pessoas, algumas sementes você plantou?! Em cada um, seja em que momento, em que fase, pedagógico ou não, você deu uma força. Quanta coisa você fez, né? São muitos alunos. Antigamente, a gente tinha uma classe de 28 ou 29 crianças, então são muitos alunos. Fazendo uma média de 25, hoje em dia, são muitos, muitos. Todos formados, todos homens, mulheres formadas. É muita gente. Mas estão aí, você plantou. De repente você pega uma família inteira. Este ano eu tenho um aluno que é o quarto da família que eu pego. Sou tão íntima da família, dos pais, você já sabe tantos detalhes.

Eu já tive uma aluna cujo filho está no Vera, mas no 2º ano ou 3º. Mas nunca tive aluno/a filho/a de ex-aluno/a. Deve ser interessante. Mas tem um monte de gente que já teve. Há muitos pais ex-alunos.

O diferencial

A formação de um cidadão, que pensa no mundo, é um diferencial no Vera. Eu até me emociono. Olha que eu conheço escola, mas igual ao Vera Cruz, pra mim, não tem. A gente ensina essas crianças a argumentar. Ensina essas crianças e, opa, de

repente, tá falando demais [risos], mas foi você que deu esse poder a elas. Mas é isso, é formação desse cidadão pro mundo. Tenho dois sobrinhos. Quando eles nasceram, eu já estava aqui. Na fase de entrarem na escola, falei pra minha irmã: "Vamos pro Vera?". Meu cunhado falou: "Não, não sei", ele não conhecia direito o Vera Cruz, tinha estudado no Santa. No fim, eu não consegui, não consegui trazê-los pra cá. O sobrinho que fez Direito na FGV tem muito amigo do Vera e disse: "Eu sou super Vera Cruz!".

Então, essa identidade do Vera, de saber que o cara sai daqui formado como? Ele pensa neste mundo de um jeito diferente. Isso eu acho fabuloso. A gente tinha a coluna dorsal do Vera Cruz, que era o TP. Se avalia o aluno de outro jeito, o aluno vem pra essa centralidade. No projeto a gente escuta essas crianças, vamos pra pesquisa, eles fazem mil pesquisas. É um processo investigativo, hoje em dia. Então ele está pensando o tempo inteiro no mundo. Claro que são crianças que têm um poder, que viajam, que conhecem outras coisas, mas são crianças do Vera! Quando falam: "Vai sair do Vera", eu penso: "Mas não é possível!", ou não é clientela do Vera. Mas o mundo mudou e a educação também. A gente sabe disso, que hoje em dia a preocupação é outra. É ganhar dinheiro, é se formar, sair daqui, eles já saem pra fazer MBA. É isso, é do mundo, é dessa geração.

Mas, ao mesmo tempo, essa coisa, de dentro dessa formação, é o Vera Cruz. Pode haver outros que pensam parecido, mas é diferente. Estava falando com o Heitor [Fecarotta, diretor geral]: “O Vera não pode perder essa identidade”. Tem que manter isso que é tão importante, é tão dele.

Não sou muito de falar. Não gosto de falar em público. Nunca gostei. Acho que meu pensamento, diferente da fala, eu vou pensando em outra coisa e me desconecto. Mas me emociono quando falo do Vera Cruz! Hoje meus alunos falaram assim: “Mas você não vem?”. E minha auxiliar: “Não, ela vai dar uma entrevista”. “Como assim, vai dar uma entrevista? Entrevista pra onde? Pra televisão?” Eu disse: “Não, pro Vera” [risos].

Reaprendizagem depois da pandemia

Viajar com as crianças é uma coisa que faz muita falta. Fez falta na pandemia [risos]. A gente ia sempre pro Replago. Tanto pra professor como pra criança é uma festa, todo mundo adora.

A pandemia pra mim foi um marco. Há dois anos, tinha na minha cabeça que eu ia começar a me despedir do Vera. Eu não sou professora de computador, eu gosto de ver a criança.

Eu sou daquela que abraça, enfim. Quando entramos na pandemia, falei: "Vou desistir. Não vou mais falar que estou indo embora. Vou esperar mais um ano". E foi o que aconteceu. Trabalho com o 5º ano. Trabalhar com essas crianças durante a pandemia foi uma experiência. Elas perderam? Perderam. Mas acho que ficaram mais espertas. Por exemplo, formamos cidadãos digitais, sem dúvida alguma. Mas, ao mesmo tempo, essa falta de proximidade das crianças, essa falta de controle, entre aspas, porque não tem jeito de ficar com todos. Você não sabe quem tá ali, daí você fica aquela professora chata: "Liga a câmera!". Você começa a cobrar coisas de uma forma que não é o seu jeito.

Então a pandemia foi um marco nesta escola, pras crianças, pros professores. Uma coisa muito, muito difícil, e voltar foi a coisa mais deliciosa do mundo. Estar em contato com essas crianças, a importância de estar em contato com elas. E quando a gente voltou, na primeira semana de aula, eu fui à lousa e aí, sabe quando você vê, assim, 15 crianças atrás de você, puxando a saia, tipo desenho animado? Eu pensei: "Gente, tá todo mundo nesse contexto, nessa coisa de viver em grupo, e a gente cobrando das crianças coisas que elas não viveram". Um ano e tanto, "vamos arquivar ficha"... Não tinha como. Então, vou retomar esse processo. Estamos numa sala de aula, num

grupo, enfim, acho que tanto pra elas como pra nós foi uma reaprendizagem. Aprender de novo a conviver desse jeito.

Outro dia a gente estava conversando sobre: "Ah, mas será que a gente deu, vai alcançar".

Nas reuniões de pais individuais agora, eles perguntam: "Será que foi cumprido, vai ser cumprido tudo?". Vai, de uma forma diferente, mas vai. Buracos haverá, lógico. Tá todo mundo correndo atrás? Sim.

Mudança de vida

Tenho alguns projetos para quando sair daqui. Fui convidada pra uma ONG, uma outra pegada. Mas quero um mês. Durante essa pandemia, durante todo esse processo, eu perdi meu enteadado. Eu acho que a gente passou por várias coisas. Eu, particularmente, então eu tô querendo, no final do ano, ficar um pouco quieta. Tem uma pessoa que me procurou pra fazer um trabalho, já estou fazendo com uma criança especial. Mas tô querendo parar um pouquinho. Voltar pra arte, talvez, parar e trabalhar em alguma ONG ou algum lugar. Tenho muita vontade de ver outras coisas. Muito tempo aqui no Vera!

Quando eu conversei no RH, a Irandi [Queiroz] perguntou: "Mas você tá preparada pra ir embora?". Eu disse: "É, acredito que sim". Tô me preparando há dois anos, mas eu tenho muito medo da falta desse convívio com essas crianças, com a classe. Porque é uma história; querendo ou não a gente perde muita energia, mas ao mesmo tempo você recebe muita energia. Então, é a coisa de que eu mais vou sentir falta. Eu acho que o professor segura o trabalho dele, inclusive, por conta das crianças. Não é só pelo convívio dos adultos, que é importante também. Eu tenho aqui uma equipe, amigos ou só colegas, mas essa coisa da criança, essa energia das crianças, essa vida que elas nos dão, isso eu tenho muito medo de perder. Por isso que eu tenho vontade de trabalhar com crianças carentes... Enfim... buscar outros horizontes. Não ficar parada. Não dou conta de ficar parada, nem um pouco.

Se você pensar, 28 anos, tudo o que você passou, uma fase da sua vida, aqui no Vera. Você passa, fica mais aqui do que com sua família, se você for ver [risos]. Consume, querendo ou não, é reunião, é não sei o quê, é sua vida.

Precisa ter essa vontade, vestir a camisa do Vera. Eu acho que todo mundo que tá aqui veste essa camisa, e é difícil tirá-la, mas veste a camisa. Não é à toa que as pessoas ficam aqui

tanto tempo. Mas acho que a gente tem que tomar cuidado também, de saber a hora de parar.

Arremate: uma colcha de retalhos

Teve um ano, uma festa no Vera Cruz. Todo mundo tão envolvido. E foi uma classe muito especial que eu tive, uma classe difícil, e eu propus que fizéssemos uma colcha de retalhos. Era um projeto da minha classe. Eu queria eles sempre juntos, costurando a historinha de cada um. As famílias se envolveram muito. Tinha avó que mandava retalho, e eu tenho umas maquininhas de infância, pequenininhas, de costura, eu trazia. Tinha uma avó que me ajudava; enfim, nós fizemos a colcha de retalhos. Ficou pronta perto do Feito por Nós. Chamei a Stella [Mercadante, ex-diretora] e falei: "Vamos colocar no Feito por nós?". Eu sei que as barracas eram disponibilizadas de outra forma. Dependuramos a colcha. A Elza [Maria de Britto, secretária acadêmica], na época, deu a ideia: "Vamos fazer uma rifeira". Acho que não deu 11 horas da manhã e já tinham acabado as rifas e as pessoas pedindo. A Stella falava: "como nós vamos fazer?". Sei que saíram correndo, venderam mais papezinhos e foi rifada a colcha feita por nós. Foi o maior sucesso! Foi a primeira vez que tinha uma coisa grande feita por nós, pelas

crianças. Sei que, no final do ano, as mães fizeram uma colcha pra mim e outra pra professora que trabalhava junto, e foi uma coisa muito marcante, nesse sentido. No ano seguinte, a gente começou a fazer coisas pra vender pras crianças, no Feito por Nós. Fizeram quadros, fizeram tudo. É muita história! A gente tinha que anotar, da mesma forma que a gente faz registros, nós devíamos fazer isso pra ter uma história aqui, de cada um. Porque é aquilo, você esquece e vai passando, ou você não dá tanta importância naquela época, faz parte da sua vida, mas ali não dá muita importância.

É fácil rememorar tudo isso? Não é. Lembrar, porque você não se prepara pra um depoimento tão especial e que vai acontecendo. Mas é isso. Mas que bom, fiquei muito feliz e surpresa.



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2021

